



## PEDRO ARRUPE: UMA VIDA, UMA HISTÓRIA

Edmilson Pereira Cruz<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa construir a trajetória de Pedro Arrupe (1907-1991) na Companhia de Jesus, analisando como o contexto no qual Arrupe estava inserido, interferiu nas tomadas de decisões e nas ações efetuadas por ele, quando o mesmo estava, principalmente, como o Geral da Companhia de Jesus. Escolhemos Pedro por dois grandes motivos: foi o Geral mais importante no século XX e pela forma que ele conduziu os Inacianos, a qual acabou gerando não somente inimigos, mas também fãs. Este maniqueísmo existente na figura de Arrupe, o torna um personagem com uma trajetória distinta de outros membros da Ordem. Desta forma, a partir da vida de Pedro Arrupe, queremos visualizar os reflexos de suas vivências em suas obras, em uma das ordens mais importantes da Igreja Católica, os jesuítas.

**Palavras Chaves:** Trajetória; Pedro Arrupe; Companhia de Jesus

### Reconstruindo/construindo uma trajetória

A tentativa de reconstruir uma trajetória de vida não é uma tarefa fácil, exige-nos um farto levantamento de fontes e, além disso, um bom referencial bibliográfico, o qual nos orienta na forma adequada de análise dos documentos encontrados e já pré-selecionados. Desta forma, o *tempo* tem um papel fundamental nesse processo; não apenas a demarcação de *tempo histórico*, como nos define Marc Bloch, “o estudo do homem no tempo”, mas o próprio tempo que o pesquisador tem para realizar esta reconstrução.

Passada esta pequena reflexão, proponho inicialmente, destacar os pressupostos necessários para a reconstrução/construção de uma trajetória/biografia. Como mencionado anteriormente, o *tempo* tem papel central dentro desta investigação, pois não podemos analisar um indivíduo separado do contexto no qual está inserido. François Dosse defende que “o indivíduo não se isola do tecido social que é o seu e não pode ser considerado o *locus* de uma singularidade” (DOSSE, 2009, p. 255).

Neste sentido, um dos primeiros passos a serem dados é a *reconstituição do contexto*, como destacam Alexandre Karsburg e Maíra Ines Vendrame:

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) em (2016). Mestrando em História (bolsista FAPERGS/CAPES). Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Rodrigues Medeiros. Artigo na área de história. E-mail: cruz.edmilsonp@gmail.com

(...) não deve nos condicionar a acreditar que o indivíduo deva ser analisado como uma produção óbvia do cenário, pois, assim como qualquer sujeito, todos são absolutamente particulares, mas só possíveis de entender na aplicação do campo de observação à sua volta. (KARSBURG; VENDRAME, 2016, p. 93).

Ou seja, o indivíduo analisado não deve ser visto sem suas particularidades, mas também deve ser observado o contexto, o tempo histórico em que o indivíduo se insere, tentando identificar a relação entre este contexto e o indivíduo, tornando assim, o contexto, um ponto fundamental. “O contexto, neste caso, é peça fundamental para o entendimento das individualidades em permanente diálogo com a complexidade social onde os religiosos estavam inseridos”. (WITT, 2016, p.288).

Alexandre Karsburg e Máira Ines Vendrame defendem que o uso do *recorte horizontal*<sup>2</sup> é um ponto central na reconstrução/construção de uma trajetória, pois é a partir dele que realizaremos o trabalho como o de um arqueólogo, o qual a partir do material lítico remonta os hábitos de civilizações já não mais existentes, pois o recorte horizontal nos conduz a levantarmos um ponto específico que direcione a pesquisa nos documentos já selecionados.

Outro ponto importante dentro da pesquisa de uma trajetória é o valor das estratégias que o indivíduo analisado utilizou; as complexidades e ações disponíveis que o indivíduo tinha em seu alcance, além das representações.

“Mais atenção às estratégias individuais, à complexidade dos elementos em jogo e ao caráter imbricado das representações coletivas” (DOSSE, 2009, p. 254).

Deste modo, tentaremos reconstruir a trajetória de um dos jesuítas mais importantes do século XX, o padre Pedro Arrupe, Geral da companhia entre os anos de 1965 e 1983. Buscaremos entender as estratégias individuais de sua vida, as complexidades de sua época, destacando os elementos de representação dos meios, sem deixar de lado a ligação direta de suas ações com o contexto histórico no qual estava inserido.

## **A Trajetória de Pedro Arrupe**

No dia 14 de novembro de 1907, em Bilbao, na Espanha, nasce Pedro Arrupe, filho de Marcelino Arrupe e Dolores Gondra. Arrupe cresceu em uma família cristã e, desde cedo, foi educado por seus pais seguindo os princípios da fé Católica. Algo interessante a se destacar é que Pedro Arrupe cresce em um momento histórico de grandes mudanças tanto na esfera política, econômica e cultural, como também na esfera espiritual.

Em 1918, entra na Congregação Mariana de Santo Estanislau Kostka, onde tem um primeiro contato com os jesuítas a partir do Padre Bastera. Cinco anos depois, em 1923,

---

<sup>2</sup> “O recorte horizontal privilegia, num primeiro momento, a reconstrução dos contextos e suas interconexões; a seguir, busca entender como estes contextos condicionam as escolhas do sujeito; e por fim, por que os indivíduos (ou grupos) agem de forma diferente quando estão diante do mesmo campo de possibilidades”. (KARSBURG; VENDRAME, 2016, p. 94).

decide cursar medicina na Faculdade de São Carlos, em Madri. Reconhecido como um aluno muito dedicado e inteligente, ele recebeu prêmios e honrarias pelas suas notas. Contudo em 1926, seu pai morre, mudando assim seus objetivos. Um ano depois, no dia 25 de janeiro de 1927, entra para a Companhia de Jesus, no noviciado de Loyola.

Em meio aos estudos de filosofia realizado no Mosteiro de Onã, chega o decreto de dissolução da Companhia na Espanha, em 1932. Neste período a Espanha estava passando por um momento de grande transição, o qual culminaria na Guerra Civil, de 1939. Sob o comando do presidente Niceto Alcalá-Zamora, se inicia a chamada Segunda República Espanhola, deixando de lado a monarquia, sendo tomados para o Estado, os patrimônios da Igreja Católica. Todas as escolas e entidades sociais religiosas - principalmente a Companhia de Jesus - foram expulsas e seus bens confiscados. A Igreja não reconhece o governo de Zamora e muitos religiosos, inclusive jesuítas, não acatam a ordem de saída do presidente, iniciando assim, um confronto sangrento. Cerca de três mil jesuítas irão estudar no exterior, em países como Bélgica e Holanda, visando finalizar seus estudos, dentre eles Arrupe.

Todos estes acontecimentos irão, de certa forma, apresentar os próximos terríveis anos que Arrupe verá em sua frente. Além disso, influenciarão na sua forma de gerir a Companhia quando Pedro Arrupe tornar-se Geral. A relação entre o contexto e a produção do indivíduo estudado é um destaque importante que Nobert Elias faz em seu livro intitulado, *Mozart: sociologia de um gênio*, onde ele problematiza e de certa forma desconstrói a formação de um gênio, analisando os eventos sociais nos quais Mozart estava inserido e destacando a interferência desses eventos nas músicas escritas e até mesmo no estilo de vida escolhido por Mozart.

Em 30 de Julho de 1936, Pedro Arrupe é ordenado padre na cidade Marneffe, na Bélgica. Dois meses depois se muda para os Estado Unidos onde realizará seus estudos de moral médica. Depois de muitas vezes solicitar seu envio para o Japão, o padre Geral lhe envia para a cidade de Yokohama, em 30 de setembro de 1938.

Arrupe sempre desejou ir ao Japão, desde a saída forçada da Espanha, dos estudos na Bélgica, onde teve um contato curto com a ideologia nazista, até sua formação moral nos Estados Unidos. Esta vontade missionária de Arrupe era um sonho.

“Arrupe via no Japão uma possibilidade de viver, ao máximo, sua entrega a Jesus Cristo, no espírito de seguimento dos Exercícios de Santo Inácio”. (LAMET, 1992, p. 81).

Após vários meses de aprendizagem da língua e dos costumes dos japoneses, chega à paróquia de Yamaguchi, em junho de 1940. Já tinha conhecimento desta famosa paróquia, pelos escritos de São Francisco Xavier, contudo quando chega ao Japão, o que ele encontra é bem diferente daquilo que imaginava. O Japão está passando pela pior guerra que sofrera em toda a sua história, encontra uma região pobre e abandonada onde o povo sofre, principalmente por serem, em sua maioria, imigrantes coreanos.

Em 8 de dezembro de 1941, Pedro Arrupe é colocado na prisão, sendo acusado de espionagem, pois havia chegado dos EUA, país que estava agora em guerra com o Japão e fazia um dia que o grande ataque da Marinha Imperial Japonesa, a Pearl Harbor, havia sido efetuado, isto é, Arrupe está preso em um cubículo de dois metros, no Japão em um dos momentos mais perigosos. Porém, depois de um mês é colocado em liberdade, segundo os relatos, pelo fato de ter uma boa convivência e amizade com os guardas e grande admiração que ganhou dos carcereiros e juizes que ele conversava.

Poucos meses depois de sua prisão, Arrupe é nomeado mestre dos noviços jesuítas e enviado para a cidade Nagatsuka, uma colina nas redondezas de Hiroshima. Então no dia 6 de agosto de 1945, às oito horas da manhã tranquila de Nagatsuka, todos são surpreendidos com o horror e a destruição em instantes da explosão da bomba atômica sobre Hiroshima. Imediatamente, Arrupe tomou uma atitude: transformou o noviciado em um hospital de emergência e, por ser médico, atende somente naquele dia, mais de 150 pessoas que foram queimadas pela radiação. Mais tarde, Arrupe escreveria seu primeiro livro, relatando sua experiência em Nagatsuka: *Eu vivi a bomba atômica*.

A bomba atômica arrasou não só uma cidade inteira, mas também a fé de uma nação. Neste momento, Pedro Arrupe percebeu o porquê de seu chamado íntimo de ir até o Japão e visualizou a missão enorme que tinha pela frente. Além de ajudar as pessoas com curativos, cuidados médicos e comida, irá mostrar a elas a sua fé, realizando a primeira missa em Hiroshima após o ataque da bomba atômica.

Ao voltar-se para dizer *Dominus vobiscum*, olhou impressionado o panorama. Uns cinquenta japoneses feridos, sentados ou deitados sobre o *tatame* da capela, tinham os olhos fixos nele. Não conseguiam entender aquela cerimônia, mas viam um homem que não parara um minuto, no afã de salvá-los. Ao dirigir-se ao extremo do altar, a fim de ler a epístola ou o evangelho, tinha de desviar suavemente, com o pé, as crianças que ali se aglomeravam, ansiosas por verem de perto aquele estrangeiro que usava roupas tão curiosas e fazia gestos tão misteriosos. (LAMET, 1992, p. 156).

Este fervor em sua missão ao Japão renderá a Arrupe a nomeação ao cargo de superior de todos os jesuítas do Japão, com o cargo de vice-provincial, em março de 1954. A partir desse momento, sua missão será viajar pelo mundo realizando discursos e pronunciamentos em conferências para arrecadar fundos para a Igreja do Japão, a qual ainda estava realizando um papel importante na assistência das pessoas que sofrerão com a guerra.

Sua missão como superior do Japão trará bons resultados para a Igreja e para a Companhia de Jesus, isto foi visto por todos e com as suas viagens pelo mundo, tornou-se muito conhecido, além é claro, de ter sido testemunha da bomba atômica. Como soube enfrentar tempos difíceis, desde seu noviciado, até como superior no Japão e em tempos renovadores da sociedade humana, ninguém melhor do que Pedro Arrupe para se tornar o

Geral dos Inacianos, neste tempo novo da fé católica, um tempo de Concílio Vaticano II. Então, em 22 de maio de 1965, Arrupe é eleito Geral da Companhia de Jesus.

### **Do Concílio Vaticano II até Congregação Geral XXXII<sup>3</sup>**

Desde o início do pontificado do Papa João XXIII, as suas intervenções orais e escritas, indicavam que o papa desejava convocar um novo Concílio, para promover um “renovar” da comunidade eclesial católica. Isto finalmente ocorreu e, então, foi realizado o Concílio Vaticano II (1962 – 1965).

Segundo Gonzalez (2006), o Concílio Vaticano II teve ampla repercussão na história da Igreja Católica, tornando-se um marco no diálogo da Instituição com o mundo moderno. Para Volcan, o Concílio foi a superação da fase apologética defensiva contra o mundo moderno e protestante. Além disso, o Concílio buscou superar o abismo entre “uma dissecada teologia acadêmica e a vida espiritual do povo cristão, bem como movimentos na primeira metade do século XX, entre eles: Movimento Litúrgico, Movimento Bíblico, Movimento Ecumênico, etc.” (VOLCAN, 2013, p. 61). Segundo Pierrard (1982), o Concílio não foi um “círculo fechado entre teólogos” e sim, uma “assembleia” para tornar a Igreja mais presente no mundo contemporâneo. Já para Luiz Roberto Benedetti, defende que “o Vaticano II é significativo, por se inserir no interior de um processo como ponto de chegada que consagra ideias e práticas que ‘fermentavam’ no interior da Igreja Católica” (BENEDETTI, 1985, p.40).

O Concílio se desenvolveu em quatro sessões: a primeira e única conduzida por João XXIII aconteceu em 8 de dezembro de 1962; a segunda conduzida já por Paulo VI foi realizada em 29 de setembro de 1963; a terceira em 14 de setembro de 1964 e a última em 14 de setembro 1965.

Keila Patrícia Gonzalez, ao efetuar um levantamento dos temas abordados nas quatro sessões do Concílio, conclui que:

O Concílio Vaticano II teve uma índole eminentemente pastoral, ou seja, visou a vida cristã e a disciplina eclesial, em vez de se voltar para a definição de fé ou moral. Nos documentos conciliares percebe-se a preocupação com a renovação da Liturgia, que deveria ser celebrada em estilo mais comunitário e acessível aos fiéis; a reafirmação da Igreja como sacramento, estruturada por Pedro e a hierarquia; a abertura ecumênica; as declarações sobre a liberdade religiosa e a tomada de posição da Igreja frente a várias questões do mundo moderno como família, política, economia, cultura paz e guerra. (GONZALEZ, 2006, p. 21).

Apesar de João XXIII não conduzir todas as sessões, sua contribuição para o Concílio foi muito importante. A sua oração<sup>4</sup> realizada na abertura mostrou que o Concílio seria

<sup>3</sup> “A Congregação Geral é a instância máxima da Companhia de Jesus. Reúne todos os provinciais, os assessores da Cúria generalícia e alguns padres eleitos para eleger o Prepósito Geral e/ou legislar sobre a missão apostólica e religiosa da Companhia.” (ZACHARIADHES, 2009, p. 35).

<sup>4</sup> “Ó Divino Espírito Santo que, enviado pelo Pai em nome de Jesus, assistes e guias infalivelmente a Igreja, derrama sobre o Concílio Ecumênico a plenitude de teus dons. Ó suave mestre consolador, ilumina a mente de nossos prelados, que correspondendo solícitos ao convite do Sumo Pontífice Romano, se vão reunir em solene assembleia. Faz com que deste

diferente dos ocorridos anteriormente. Segundo Alberigo (2005), o Concílio Tridentino teve um aspecto apologético, o Vaticano I lutou para marcar sua resistência e contraposição à sociedade moderna. Já o Concílio Vaticano II, foi a primeira tentativa da Igreja em busca de um diálogo com o mundo. Contudo, na leitura de Beozzo (1990), o Concílio focou muito mais na discussão de questões internas, da própria estrutura da Igreja, deixando marginalizadas as questões mundiais, como o tema da pobreza e da desigualdade social:

Assim ao final da primeira sessão do Concílio destacou-se: a proposta do cardeal Montini, que afirmava que o grande eixo do concílio era a questão da Igreja, com várias sugestões de mudanças internas; já pela proposta do cardeal Suenens, era necessário retomar tanto as questões internas à Igreja, como defini-la frente ao mundo; e por último encontra-se a proposta do cardeal Lecaro, que retomou o discurso de João XXIII sobre a questão da pobreza. O tema dos pobres permaneceu marginal no desenvolver do Concílio, em que predominaram os esquemas de Montini e Suenens (BEOZZO, 1990, p. 40).

Todavia, o Concílio Vaticano II transcorreu em um clima de liberdade, na busca de uma renovação teológica, favorecendo a abertura para o pensamento dos teólogos latino-americanos a uma articulação teológica mais autônoma. Segundo o teólogo Euler R. Westphal, foi a partir deste momento que a esquerda católica ganhou força e desenvolveu sua metodologia teológica:

A esquerda católica produziu, entre 1959-1964, publicações que, em sua metodologia, apontavam para a teologia da libertação. Alguns dos teólogos de primeira hora da teologia da libertação foram: Gustavo Gutiérrez, Segundo Galilea, Juan Luis Segundo, Lucio Gera. (WESTPHAL, 2011, p. 73).

Com a morte de João XXIII, o então cardeal Montini, se torna o papa com o título de Paulo VI. É interessante notar que Paulo VI sempre direcionou a Igreja Católica para um diálogo com o mundo, não de uma maneira apologética, mas de forma que a Igreja devesse ter como missão, fornecer as respostas necessárias para as questões levantadas no mundo, o qual estava em constante transformação. Adaptando a mensagem evangélica às exigências do mundo moderno, acarretaria numa maior eficiência da missão apostólica da Igreja<sup>5</sup>.

Neste contexto, temos a carta encíclica *Populorum Progressio* publicada em 1967, salientando a ideia do desenvolvimento integral do homem para um desenvolvimento solidário da humanidade, defendendo a liberdade política e democrática, exortando as comunidades internacionais a se preocuparem com desigualdades mundiais, manifestadas nos países do Terceiro Mundo. Alguns autores levantam a tese de que através dessa encíclica, Paulo VI, além de contribuir para a abertura da Igreja para uma nova práxis teológica, também legitimou

---

Concílio brotem frutos abundantes: que a luz e a força do Evangelho se difundam cada vez mais na sociedade humana; a religião católica e o seu empenho missionário adquiram novo vigor; que se chegue a um maior e mais profundo conhecimento da doutrina da Igreja e a um salutar incremento dos costumes cristãos." JOÃO XXIII, Papa. *Diário Íntimo e outros Escritos de Piedade*. Lisboa: Editora Agir, 1964, p.435.

<sup>5</sup> "Paulo VI mostrava-se atento à missão de transmitir ao coração dos homens a essência da mensagem evangélica e a adaptar os dados da fé às exigências do mundo moderno". (PIERRARD, 1982, p. 278).

a revolta popular: “como instrumento eficaz para debelar a tirania e erigir uma sociedade política e economicamente justa”. (ZANINI; BACCEGA; ZAPPIA, 2011, p.27).

Um outro documento importante escrito por Paulo VI que influenciou no pensamento da teologia da libertação foi a carta apostólica *Octogesima Adveniens*, escrita em homenagem aos 80 anos da *Rerum Novarum*, convocando todos os católicos para uma maior participação na política mundial. Destacando os problemas sociais da época como os anseios da juventude, a emigração e as discriminações.

Pedro Arrupe não teve uma participação direta no Concílio, contudo, este evento é um marco histórico recente na história do catolicismo e também dentro da Companhia de Jesus e na forma que Arrupe vai escolher para conduzir a Companhia. A Interferência dos documentos conciliares será direta na ação do novo Geral da Companhia.

Esta nova etapa é encarada por ele como visão para o futuro, mas também no presente, o conceito de *aggionamento*, atualização, a qual guiará a Igreja Católica na segunda metade do século XX, também será referência para Arrupe, que muitas vezes por suas ideias, sofrerá incompreensões e, de certa forma, até perseguições, tanto pelos setores mais tradicionais da Igreja Católica, como pela Companhia de Jesus. Entretanto, sua ação deixou influências impagáveis para os Inacianos, e até mesmo, para a sociedade humana.

Não iremos analisar todos os efeitos que o comando de Arrupe realizou nos jesuítas, mas daremos ênfase para a ação que trouxe mais mudanças para a Companhia, que foi a Congregação Geral XXXII.

Antes da Congregação, Arrupe vai militar em favor da *Questão Social*, viajará por todo o mundo, principalmente ao Oriente e em países de terceiro mundo, lutando contra as injustiças, defendendo o que o Papa havia solicitado na encíclica *Populorum Progressio*. Até meados do século XX, a Questão Social ainda não tinha tomado importância dentro da Companhia de Jesus. Contudo, logo após a II Guerra Mundial a *Questão Social* será observada com mais atenção, principalmente depois da Congregação Geral XXIX em 1946, em que o apostolado social se tornou a missão da Ordem através de um decreto da Companhia de Jesus. Outro documento que trará o apostolado social para os Inacianos será a *Instrução para o Apostolado Social* (1949), do padre Geral João Batista Janssens. Este documento foi um chamado aos jesuítas para um apostolado social, com o objetivo de enfrentar as novas complexidades que estavam diante da Ordem. Para muitos historiadores, como Grimaldo Carneiro Zachariadhes, este documento será um marco de uma nova fase da Companhia de Jesus com relação à Questão Social.

O Geral Pedro Arrupe intensificará o apostolado social dentro da Ordem, exigindo que os jesuítas em todo o mundo assumissem esta missão. Com o decreto número 4 da Congregação Geral XXXII de 1975: *A Nossa missão nos dias de hoje: diaconia da fé da promoção da justiça*. “O decreto 4º (como é simplesmente conhecido) é visto pelos jesuítas

como o aprofundamento do apostolado social, o ponto culminante do engajamento da Companhia na luta em defesa da Justiça Social". (ZACHARIADHES, 2009, p. 39). A partir deste decreto a missão dos jesuítas se tornou a promoção da justiça pelo mundo, no mesmo nível que a pregação do Evangelho aos homens.

Seguindo as orientações de seu assistente Jean Yves Calvez, Arrupe dará a resposta necessária para os tempos difíceis que passou em sua juventude. Todas as desigualdades que viveu e toda a injustiça provocada por homens gananciosos que visualizou o levaram a conduzir a ordem jesuítica não apenas para pregar o evangelho, mas também para levar a justiça para aqueles que precisam:

(...) o martírio de vinte jesuítas assassinados em países do Terceiro Mundo, as atividades com refugiados, camponeses marginalizados da sociedade, com consequente defesa dos seus direitos, tudo isso demonstra o futuro, importância das decisões tomadas em Roma, naquele 1975. Talvez tenha sido este o passo mais importante e decisivo (...) em tudo quanto empreendeu Pe. Arrupe ao longo de sua vida. (LAMET, 1992, p. 288).

Além disso, outro marco da Companhia de Jesus que Arrupe irá orientar é a adesão dos jesuítas pela análise marxista. Pedro Arrupe foi pressionado por boa parte dos jesuítas da América Latina, que influenciados pela Teologia da Libertação<sup>6</sup>, estavam unindo o Apostolado Social com a práxis marxista. Na data de 8 de dezembro de 1980, Arrupe escreve a carta intitulada *Pode um cristão fazer sua a análise marxista?* em que o ponto central é responder a indagação dos padres e orienta-los sobre o que fazer diante desse novo modo de pensar.

Em suma, a carta destaca os fatores positivos e negativos inseridos na adesão da análise/práxis marxista pelos jesuítas, mencionando o perigo de transformar a fé em partido ou ideologia política. Todavia, no final, Arrupe menciona que a análise marxista em termos de estudo é importante e deve ser realizada para os que desejam e dentro da prática também pode ser usada desde que sempre com moderação sem perder os olhos fixos na fé.

Enfim, devemos também opor-nos com firmeza às tentativas dos que gostariam de aproveitar as reservas que temos diante da análise marxista, para estimar menos ou até condenar como «marxismo» ou «comunismo» o compromisso com a justiça e com a causa dos pobres, a defesa que os explorados fazem de seus próprios direitos, as reivindicações justas. Não temos notado com frequência formas de anticomunismo que não passam de meios para encobrir a injustiça? Também a respeito disto conservemos nossa identidade e não deixemos que se cometam abusos da crítica que fazemos ao marxismo e à análise marxista. (ARRUPE, 1980).

A partir desta citação, podemos perceber que a análise marxista será usada pelos jesuítas, mas com reservas, podendo ser modificada ao longo do tempo, como Pedro Arrupe deixa descrito no final da carta "Tenho consciência de que no futuro a situação da análise

---

<sup>6</sup> A Teologia da Libertação, segundo os estudos de Gonzalez (2006) é em sua essência, uma reflexão crítica a partir de uma "práxis da libertação", causando uma dialética constante entre o teórico (teologia) e a práxis da fé (político-social).



marxista poderá modificar-se em um ou outro ponto” (ARRUPE, 1980). Esta ação de Pedro Arrupe o fará um homem admirado por muitos, mas também odiado por outros.

Outro ponto importante que Pedro Arrupe deixou como legado para os Jesuítas foi a criação do *Serviço Jesuíta aos Refugiados*, claro que não podemos compara-lo com a Congregação Geral XXXII, porém, durante os dezoito anos conduzindo a Companhia de Jesus, Arrupe vai destinar boa parte do seu tempo em defesa das pessoas refugiadas e migrantes.

### **Considerações Finais**

Por fim, no ano de 1983, Pedro Arrupe acaba assinando sua renúncia por problemas físicos, vindo a falecer em 1991 no dia 5 de fevereiro, na casa dos jesuítas, em Roma, deixando um legado admirado por muitos e odiado por outros. E, por esse motivo, muitos transformam Pedro Arrupe em santo ou pecador.

Neste momento cabe ao historiador, analisando a trajetória deste jesuíta, que foi um dos mais importantes da Companhia no século XX, perceber que as ações e as tomadas de decisão de Arrupe são influenciadas diretamente para vida social que o indivíduo teve.

No início do texto destacamos a importância da análise do contexto dentro da construção de uma trajetória. Vemos isso claramente dentro da vida de Arrupe, que foi o objeto escolhido para a realização dessa tarefa. A criação do Serviço Jesuíta para os Refugiados, criado por Pedro Arrupe, descreve o momento em que ele foi expulso e passou um longo tempo da sua vida em outro país, com uma cultura diferente, pois foi expulso de sua própria nação. Este fato, o levou a ter um olhar mais atento para as pessoas que estavam vivendo nesta mesma situação.

Quando Arrupe convoca e conduz a Congregação Geral XXXII, percebemos que os jesuítas terão um foco maior, além da pregação do Evangelho e a educação, o Apostolado Social ganha uma importância significativa dentro da Companhia. Depois desse evento e principalmente durante o tempo que Arrupe vai conduzir os Inacianos, a luta contra a desigualdade e as injustiças realizadas no mundo, serão o foco de sua missão. Podemos ver a ligação direta da política de Arrupe com a vida que este jesuíta teve, sua passagem no Japão foi fundamental para isso, a grande miséria vivida por ele no Japão, provocada pela política dura do antigo Império Japonês, as atrocidades que ele visualizou no mundo durante a II Grande Guerra, principalmente a queda da bomba atômica em Hiroshima, além das injustiças do mundo pós-guerra, o levaram a fazer da sua vida e da Companhia de Jesus um local de missão contra isso.

Além de tudo isso, podemos dizer que os documentos do Concílio Vaticano II e a ideia de *aggionamento*, fizeram com que ele adotasse uma política mais aberta ao mundo levando

os jesuítas a novas perspectivas, como o exemplo do uso da Análise Marxista. Esta ação também vai ser influenciada pela formação que Arrupe teve na Bélgica e na Holanda, ligado com uma teologia mais progressista. Porém, não demos tanta ênfase para este assunto, pois o tema é extenso e precisaria de outros trabalhos para explana-lo corretamente e com a devida importância que merece.

Deste modo concluímos que o historiador deve estar sempre atento ao contexto que se insere o indivíduo estudado, pois como analisamos na história de Pedro Arrupe, veremos que haverá aqueles que o amam e aqueles que o odeiam e cabe ao historiador o olhar crítico para esta trajetória.

### Referências

- ARRUPE, Pedro. *Jesuítas: para onde caminham?* São Paulo: Loyola, 1978.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. São Paulo, Ed. USP, 2009, p. 254-276.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.
- KARSBURG, Alexandre; VENDRAME, Maíra. "Investigação e formalização na perspectiva da Micro-história". In: VENDRAME, Maíra; KARSBURG, Alexandre; MOREIRA, Paulo S. *Ensaio de micro-história, trajetória e imigração*. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 86-113.
- LAMET, Pedro Miguel. *Arrupe: da bomba de Hiroshima a crise pós-conciliar*. São Paulo: Loyola, 1992.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual "feiticeiro": Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil / Luiz Gustavo Freitas Rossi*. Campinas, SP, PPGAS, 2011.
- WITT, Marcos Antônio. Excepcionais normais? A(s) trajetória(s) de três pastores no Sul do Brasil (1824-1893). *História Unisinos*. 20(3):287-299, Setembro/Dezembro 2016.